







A Semana

8

Custodio José de Mello



HISTORIA DA REVOLTA

DE

Novembro de 1891

RIO DE JANEIRO

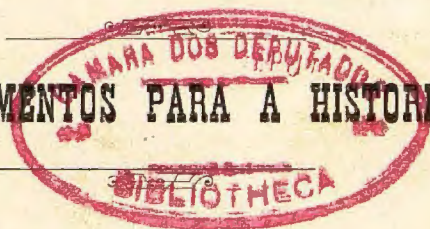
Cunha & Irmãos, Editores

24 Rua da Quitanda 21, 116 S. José 116

1895



APONTAMENTOS PARA A HISTORIA





APONTAMENTOS

PARA A

Historia da Revolução

— DE —

23 DE NOVEMBRO DE 1891

PELO CONTRA-ALMIRANTE

Custodio José de Mello



RIO DE JANEIRO

CUNHA & IRMÃO, editores

116 — Rua de S. José e Quitanda — 24

—
1895

NS 153057

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA

Quando de volta da Camara dos Deputados, a qual funcionava no palacio de S. Christovão, cheguei, das 4 1/2 para as 5 horas da tarde do dia 3 de novembro de 1891, á rua do Ouvidor, notei que alguma cousa de extraordinario se passava e, para saber o que de real havia, acerquei-me de um grupo, quando então ouvi dizer que as forças de terra e mar haviam recebido ordem para estar de promptidão, assim como que suppunha-se ser o motivo de semelhante ordem o *decreto*, que já estava lavrado e assignado, dissolvendo o Congresso.

Depois de falar com alguns conhecidos, que casualmente encontrei, segui para minha casa, não dando credito áquelle boato, visto como já estava acostumado a ouvir dizer pelos amigos do governo, nas duas casas do parlamento, que o Congresso ia ser dissolvido pelo exercito, todas as vezes que o governo queria que um projecto passasse ou fosse regeitado ; o

que justamente se dava, naquella época, com o projecto immoral da reorganisação do Banco da Republica, razão porque foi depois denominado o golpe de estado de 3 de novembro, *golpe de bolsa*, e tambem porque, conhecendo os intuitos patrioticos do marechal Deodoro, não acreditava fosse elle capaz de praticar um acto que certamente acarretaria a deshonra para nossa patria e feriria de morte a Republica, cujo advento principalmente a elle se devia.

A's 9 horas da noite do mesmo dia 3 procurou-me, em minha casa, o primeiro tenente Francisco de Mattos para dar-me a noticia acima mencionada, não adiantando, porém, cousa alguma de positivo a respeito, e pouco depois d'elle o capitão tenente Carlos Accioli que viera da casa do marechal Floriano Peixoto. Como o tenente Mattos, aquelle official superior nada de novo referio-me, pois apenas disse-me que constava estar dissolvido o Congresso. Fiquei, portanto, ainda em duvida que pouco depois dissipou-se, tornando-se em uma triste e dolorosa realidade, porquanto ás 11 1/2 horas o deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro, Urbano Marcondes, a mandado do sr. Antonio Azeredo, deputado pelo Estado de Matto Gros-

so, communicou-me que o *decreto*, dissolvendo o Congresso e declarando o *estado de sitio* na Capital Federal e no Esatdo do Rio de Janeiro, se achava na Imprensa Nacional para ser publicado no *Diario Official* do dia seguinte.

Depois de conversar um pouco com o referido deputado, retirou-se elle, continuando eu com os dois officiaes, a fazer considerações sobre o estupendo acontecimento que em mim produzira pasmo e indignação.

Procurei, desde logo, saber dos mesmos officiaes quaes os navios que se achavam promptos, pois que tive logo a idéa de reagir contra o acto violento, com que o marechal Deodoro apunhalava a Republica, a legalidade, a ordem, o nosso passado, o nosso futuro, eliminava, em fim, a nossa nacionalidade, como então disse o *Jornal do Commercio*.

A meia-noite, retiraram-se os referidos officiaes, encarregando eu ao capitão-tenente Accioli de dizer ao major Alcides Bruce que viesse falar-me no dia seguinte.

A idéa de reacção, actuando em minha alma de patriota, revoltada contra o golpe de morte desferido na nascente republica, não deixou-me conciliar o somno, de sorte que logo aos

primeiros alhores do dia levantei-me, sahindo pouco depois uniformisado. Dirigi-me á casa do capitão de fragata Eduardo de Barros Gonda que não encontrei, dizendo-me seu tio, o meu fallecido amigo Justiniano José de Barros, com quem morava aquelle official, ter elle pernoitado, por ordem do ministro da marinha, a bordo do navio do seu commando, o cruzador *Guanabara*.

Encaminhei me, depois, para casa do capitão de fragata Henrique Pinheiro Guedes, então commandante do cruzador *Trajano*, e tendo sabido que este official passára tambem a noite a bordo do seu navio, resolvi ir ter incontinente com elle.

Chegado ao Caes Novo e deliberado, como estava, tal era a revolta que me ia na alma, a n'aquelle mesmo dia fazer um movimento reaccionario, si encontrasse camaradas que me quizessem acompanhar nesse commettimento para reivindicar a honra nacional, tão brutalmente villipendiada, tomei, por emprestimo, uma lancha a vapor que estava atracada ao mencionado caes, e nella transportei-me para bordo do *Trajano*.

Fui rececebido, na camara deste navio,

pelo seu commandante, e convidei-o a suspender e darmos começo ao movimento, ao que respondeu-me poder eu dispôr de sua pessoa; mas que permittisse-me ponderar-me ser uma loucura emprehender um tal movimento com um só navio e este de madeira.

A estas palavras, proferidas por um amigo, voltei a mim da indignação de que estava possuido e resolvi adiar o movimento para mais tarde, depois que me tivesse entendido com outros camaradas, embora estivesse convencido de que, naquella occasião teria a adhesão dos demais navios da esquadra ancorados no porto, si o *Trajano* se movesse; tal era a justiça e nobreza da causa que deffendia.

Demais, em emprehendimentos dessa ordem, sempre escapa muita coisa á previsão, que fica ao acaso, e só a audacia pode supprir.

Ao retirar-me desse *cruzador*, o segundo tenente Oscar Short, que estava de quarto, e naturalmente lêra na minha phisionomia o motivo que ali me levava, no portalô do navio, disse-me, apertando-me a mão: «Almirante, conte commigo.»

Apenas cheguei á terra, dirigi-me á rua do Ouvidor, onde conservei-me fazendo hora para

ir á camara dos Deputados, de que era o mais obscuro membro, a qual, entretanto, sabia eu estar, fechada e guardada por forças federaes; mas é que queria receber pessoalmente a intimação de não poder penetrar no seu recinto para exercer o direito que só me podiam tirar aquelles que m'o haviam conferido.

Não realizei, porém, esse meu intento porque, em caminho, encontrei alguns collegas que d'elle me dissuadiram, dizendo-me que voltavam da Camara por lhes ter sido prohibida a entrada pelo commandante do batalhão, que guardava o edificio onde ella funcionava, e que, como já disse, era o palacio de S. Christovão.

No intuito de desvanecer qualquer suspeita a meu respeito, no mesmo dia, 4, fui apresentar-me ao chefe de estado-maior, o contra-almirante Carlos Balthazar da Silveira. Do quartel-general sahi mais resolvido ainda a trabalhar pela reivindicação da honra e do brio nacional, não obstante haver-me aconselhado aquelle collega e amigo, a quem communiquei minha resolução, que fosse cuidar da minha familia; conselho que, no mesmo dia á tarde deu-me de novo por intermedio de uma pes-

soa da minha intima amizade, com quem encontrou-se na rua da Gloria. E' que o meu collega ignorava que anteponho a patria á familia.

Salvar a patria do jugo da tyrannia é salvar a familia do opprobrio e da miseria.

Isto dizia eu, no interior da typographia do *Diario de Noticias*, em presença do dr. Lucidio Martins, ao coronel Frederico Solon, que nessa occasião referio-me ter na noite do dia 3, após a reunião dos commandantes dos corpos da guarnição da capital, convocada pelo marechal Deodoro, para communicar-lhes a resolução em que estava de dissolver o congresso, mandado pelo mesmo dr. Lucidio Martins convidar o marechal Floriano Peixoto a vir ao quartel do 9 de cavallaria, afim de combinar-se o movimento reaccionario, porquanto elle contava, além do seu regimento, o 9' de cavallaria, com o 23º batalhão de infantaria, o 2º de artilheria e com mil e tantos operarios da Estrada de Ferro Central, e que o marechal não accedeu a esse seu convite.

Essa recusa explica o facto hoje por demais provado, de haver s. ex. se compromettido a

apoiar o golpe *de estado*, dizendo ao barão de Lucena «que era carneiro de batalhão.»

De então em diante continuamos com afinco a obra patriótica da conspiração, eu e meus principaes auxiliares, os seguintes officiaes: capitães-tenentes Luiz Pinto de Sá, Manoel Ignacio Belfort Vieira e Carlos Accioli; os primeiros-tenentes Americo Brazilio Silvado, Altino Flavio de Miranda Correia, Alvaro Rosauro de Almeida, Arnaldo Sampaio, Eugenio de Andrade Camara, Augusto Theotonio Pereira, Virtolino Moreira Sampaio, Gentil Augusto de Paiva Meira, e já nos ultimos dias o primeiro tenente Francisco de Mattos e o segundo Luiz Carlos de Carvalho. Foram estes os officiaes que directamente trabalharam commigo no audacioso commettimento, sendo que desde o dia 4, haviam a elle adherido alguns outros officiaes e a quasi totalidade dos alumnos da escola naval, o que soube pelo capitão-tenente Accioli, a quem os aspirantes Honorio Keller, Manoel de Lamare, Aristides Mascarenhas, e outros que já haviam mandado uma commissão ao marechal Floriano Peixoto se dirigiram para ser o intermediario entre mim e elles, caso ~~quizesse~~ o marechal,

quizessemos,
eu e

reagir contra a affronta cuspidá pelo governo ás faces da nação.

Como se vê, o trabalho da conspiração começou do dia 3, quando, em conversa, em minha casa, indaguei do capitão-tenente Accioli e do 1.^o tenente Mattos quaes os navios que se achavam promptos; e o movimento, affirmo, ter-se-ia iniciado a 7 ou 8 deste mez, si o *Aquidaban* estivesse prompto, pois, com este cou-raçado contava desde os primeiros dias da con-spiração.

No entanto, o illustre collega Carlos Bal-thazar, em sua ordem do diáde 25 de Novembro, a qual aconselhei-lhe não publicar por conter uma inexactidão que disvirtuava e amesqui-nhava o intuito nobre e patriótico da revolu-ção, attribuiu esta, sem duvida, por um equivoco, aliás injustificavel, á offensa que, segundo elle, o governo dirigira-lhe e aos dois contra-almi-rantes, Francisco José Coelho Netto e José Már-ques Guimarães, que commandavam as duas divisões da esquadra.

Eis o que diz a referida ordem do dia :

«

«A marinha, contida no circulo da ordem,

da disciplina, do respeito e da obediencia á autoridade e á lei, não pôde conter o justo brado de indignação, sabendo da offensa que se dirigira aos seus almirantes.»

O muito illustre almirante Custodio José de Mello, nosso actual ministro, com rara habilidade, poz-se em communicação com os nossos camaradas do exercito, levantou a esquadra, e, unidos todos como um sò homem, deram-nos a aurora de 23 de Novembro de 1891.»

Estamos na legalidade.»

.
. ,

Carlos Balthazar da Silveira, chefe do estado-maior general.»

Essa ordem do dia provocou um artigo publicado no *Jornâl do Commercio* de 28 de novembro com a assignatura do dr. Jayme Silvado, cujo theor é o seguinte :

A REVOLUÇÃO DE 23 DE NOVEMBRO E A ORDEM
DO DIA DO CIDADÃO AJUDANTE-GENERAL DA
ARMADA

«*Fais ton devoir advienne
que pourra.*»

«Mal acaba de dar se a revolução que de-

terminou a deposição do general Deodoro, restaurando a legalidade e no entanto versões erroneas já correm a respeito do movel que levou os officiaes da marinha brasileira a se erguerem contra os autores do golpe de Estado de 3 de novembro.»

«No dia 23 era um jornal da tarde que attribuiu á prisão do vice-almirante Wandenkolk a revolta da parte da força de mar, hoje é o cidadão ajudante-general da marinha que equivoca-se completamente quando dá entender que os revoltosos legalistas da marinha foram movidos *pela offensa dirigida* aos seus *almirantes*.»

«Em um caso como no outro seria o movel da revolta o egoismo da classe. Ora tenho elementos mais que sufficientes para provar que tal não se deu e para demonstrar por outro lado que essa attitudo nobre de alguns officiaes foi devida aos estimulos do mais puro patriotismo :

«Para prova de que a prisão do cidadão Wandenkolk não foi a causa, mas, pelo contrario effeito da revolução, basta considerar que esse official foi detido quando os revoltosos constitucionaes já se tinham apossado do *Riachuelo*,

cuja tripolação estava prompta a apoial-os. Quanto á seguada hypothese, a demonstração é mais longa, porém, facil. Tenho todos os dados para garantir que nos primeiros dias que se seguiram ao golpe de estado a reacção na marinha ter se-ia dado, se o encouraçado *Aquidaban* se achasse prompto a mover-se, visto como toda sua officialidade era legalista, exceptuando o commandante e o immediato.»

«Nas mesmas disposições achava-se o estado-maior do *Primeiro de Março*, assim como os primeiros tenentes Jauffret e Carlos Accioli, o primeiro dos quaes não obteve embarque por ter-se tornado suspeito ao governo em consequencia de ter-se retirado do gabinete do ministro Chermond, de quem era secretaio, logo que soube do golpe de estado.»

«Meu irmão o tenente Silvado, suspeito de se positivista, foi mudado sem demora do *Aquidaban* para o *Sete de Setembro* navio imprestavel, e o tenente Altino Corrêa foi enviado preso incommunicavel pelo quartel general á Willegaignon, onde esteve desde o dia 9 até o dia da victoria constitucional.»

«Esta prisão devida á denuncia do machinista Carvalho, e não ao facto de ser esse offi-

cial positivista, como muitos disseram, mallogrou o plano primitivo.

Apezar disto, porém, continuou a propaganda, sendo resolvido, após a sahida do *Riachuelo* do dique, o plano que foi na noite de 22 levado a effeito.»

«De sorte que a coincidência havida entre a sahida dos tres contra-a'mirantes das posições que occupavam e a explosão revolucionaria foi meramente casual e devida á demora já explicada.»

«Asseguro, pois, que os officiaes promotores da revolta da armada, os quaes, desde o dia 4 ou 5 se corresponderam com o contra-almirante Custodio de Mello, tiveram como estimulo para se portarem tão nobremente *motivos puramente patriotticos*, e que desde o primeiro dia que se seguiu o golpe de estado os levaram a empregar todos os esforços a fim de restaurarem a legalidade.»

«E foi por tão elevado movel que o cidadão Custodio de Mello teve ensejo de, com alguns denodados officiaes e aspirantes, determinar na manhã de 23, a adhesão da maioria da marinha concorrendo assim com a opinião publica, cla-

ramente manifestada durante 19 longos dias, com o proletariado da Estrada de Ferro Central e com a *elite* do exercito para depôr o governo que nos tinha privado das garantias constitucionaes.»

Eis a verdade historica, que com mais detalhe será contada em um opusculo que pretendo publicar em collaboração com meu amigo e compadre, o cidadão Mariano de Oliveira—*Jayme Silvado*—Rio, 22 de Frederico de 103—(26 de novembro de 1891). — Rua Senador Pompeu, 113.»

A narração dos factos occorridos antes de 23 constitue por si só prova eloquente de ter sido o intuito da revolução restaurar nosso codigo politico conculcado pelo chefe da nação; entretanto, para mais corroborar esta prova transcrevo em seguida o manifesto que ao povo brasileiro dirigiu a Armada Nacional pelo *Jornal do Commercio* de 6 de Dezembro de 1891, treze dias depois da victoria constitucional.

MANIFESTO

Ao Povo Brasileiro dirige a Armada Nacional o seguinte manifesto:

Concidadãos!—Considerando: que propagação-se boatos alarmantes, absolutamente mentirosos, com o fim de desprestigiar a revolução realizada a 23 de Novembro proximo passado, e cujo resultado foi unanimemente applaudido por vós e pelo Mundo;

Que estes boatos são forjicados por individuos inimigos da Patria, que foram, têm sido e serão eternamente muito prejudiciaes á moralidade e á ordem, porque antepõem aos interesses sociaes as vis commodidades e vantagens méramente pessoaes;

Que aquelles que solemnemente avançaram a proposição indemonstrada de que a dissolução do Congresso era necessaria e indispensavel, para combater a estulta e descabida onda restauradora, são os proprios que intimamente mantem em estado latente esse infame e injustificavel desejo e por isso, quer no poder quer fóra d'elle procuram desprestigiar a fórma de Governo, que tão sabia quão patrioticamente adoptamos, para finalmente apresentarem como unica solução, só concebida por seus cerebros perversos e embotados, a restauração de um regimen só desejado pelos que em tempo não poderam bandear-se para a maioria repu-

blicana e por isso perderam títulos, posições e salários:

Vimos, em nome da Armada Nacional, cujo prestigio levantamos, declarar-vos, a Vós que nos applaudistes e ao mundo que nos elogiou e observa; que a Marinha Brasileira, fazendo o movimento memoravel de 23 de Novembro proximo passado, só visou a consolidação do regimen republicano, alijando do poder um Governo, que traiçoeiramente rasgou a Constituição, e impoz-se pelo terror, tornando-se por isso o meio o mais efficaz de desmoralizar, desmembrar e destruir nossa adorada Patria, provocando commoções no interior e descredito no exterior;

Que desde o Almirante até o mais modesto grumete, todos unidos só pensam na moralisação de nossa Patria e no seu consequente Progresso e como este *desideratum* só pode ser obtido com a fôrma republicana do Governo que á um tempo significa ordem, liberdade e fraternidade, estão dispostos a vencer denodadamente todos os obstaculos que antipatrioticamente tentarem oppôr-se á sua arelisação, derramando até a ultima gotta de sangue e considerando desde já inimigos da Patria os que, de qualquer

modo, publico ou clandestino, procurarem sobressaltar o espirito publico, inventando boatos e fingindo formar reuniões que constituem agora e constituirão sempre a prova irrefutavel do quanto taes caracteres são indignos de pertencer ao numero dos verdadeiros brasileiros;

Que a maior parte do nosso glorioso exercito está de inteiro accôrdo connosco em tudo o que neste solemne manifesto fica declarado, estando prompta ou disposta a nos auxiliar em qualquer terreno como effectivamente o fez no dia 23.

Assim, cidadãos, conservai-vos firmes e confiantes e contaes connosco para a obra de moralisação de nossa magestosa Patria.

Viva a Republica !

Viva o Povo Brasileiro !

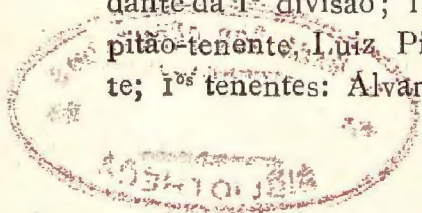
Viva o glorioso Exercito Nacional !

Bordo do encouraçado «Riachuelo» no Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1891.—Contralmirante Custodio José de Mello, ministro da marinha; capitão-tenente J. M. Lemos Bastos, secretario; 1º tenente Arthur Lopes de Mello, ajudante de ordens; vice-almirante Eduardo Wandenkolk, commandante em chefe da esquadra; capitão tenente M. I. Belfort Vieira, chefe

do estado-maior; 1.º tenente Firmino de Moraes Ancora, ajudante de ordens; general contra-almirante Francisco Coelho Netto, chefe do estado-maior.

Encouraçado « Riachuelo » — 1.º tenente Americo Brazilio Silvado, commandante interino; 1.º tenente Luiz Carlos de Carvalho, cirurgião Dr. Galdino Cicero de Magalhães; 1.ºs tenentes Francisco de Mattos, Augusto Theotonio Pereira e Alberico Floresta de Miranda; 1.º tenente commissario J. Manoel de Santa The-reza; 2.º tenentes J. Monteiro de Moura Rangel, Carlos Augusto Camisão de Mello, Alfredo Cordovil Petit, machinistas J. Germano Pereira Gomes e José da Silva Gomes, pharmaceutico Antonio Augusto Ferrari, 2.º tenente Antonio da Silva Braga; guardas-marinha: Antonio Leite Barcellos, Miguel Augusto Dorat, Severino Maia, José Maria Penido, Florio Pitombo, Heraclito Aranha, Vital Cavalcanti e Noronha Santos.

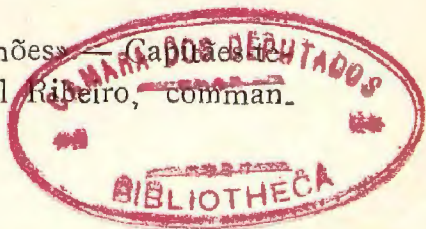
Cruzador « Primeiro de Março » — Contra-almirante José Marques Guimarães, commandante da 1.ª divisão; 1.º tenente secretario: capitão-tenente Luiz Pinto de Sá, commandante; 1.ºs tenentes: Alvaro Rosauo de Almeida,



Arnaldo Sampaio e Eugenio Eloy de Andrade Camara; 2.^{as} tenentes: machinistas M. C. Costa Moura e commissario C. Eugenio Ferreira; guardas marinha: João Manoel San Juan, João Fagundes Lins e Raymundo J. de Souza Gayoso Junior.

—Encouraçado *Aquidaban* — Capitão de mar e guerra, José Pinto da Luz, commandante da 2.^a divisão; 1.^{as} tenentes Altino F. Miranda Corrêia, commandante interino, Nicoláo Possolo, Manoel Pacheco Carvalho Junior, Horacio Nelson de Paula Barros, H. Teixeira Sadtok de Sá, Affonso da Fonseca Rodrigues e commissario F. Augusto Lima Franco; 2.^{as} tenentes: Mario Ribeiro da Silva e Roberto Leçoq de Oliveira; 1.^{as} tenentes: machinistas Joseph Baker R. Rodrigues Villares, pharmaceutico J. E. França Pinto e cirurgião Dr. Joaquim J. Siqueira Bulcão; 2.^{as} tenentes: machinistas J. José Sant'Anna e M. Antonio Mafra; guardas marinha: C. Augusto de Mello, Honorio Koeler, C. Agostinho de Castro, E. Gomes Ferraz, A. Alves Ferreira da Silva e Francisco Alves Machado da Silva.

Encouraçado «Solimões» — Capitão de mar e guerra, José Pinto da Luz, commandante da 1.^a divisão; 1.^{as} tenentes: Francisco Manoel Ribeiro, comman-



dante, Alberto J. Corrêa de Mattos, 1.^a tenente João Carneiro de Almeida, 2.^a tenente Mario Jayme da Silveira, 1.^{os} tenentes: cirurgião Dr. A. Jorge de Avila Cavalcanti e machinista Joaquim Ferreira da Silva; guardas-marinha: José de Figueiredo Costa e Raul Oscar de Faria Ramos, 2.^a tenentes: machinista José Patricio Moreira de Almeida e commissario João Baptista Ballariny.

Encouraçado «Javary»—Capitão de fragata José Ignacio Borges Machado.

Cruzador «Guanabara» — Capitão-tenente Leoncio Rosa, commandante interino; capitão de fragata, Alvaro Nunes Ribeiro Be. fort, commandante.

Cruzador «Parnahyba» — Capitão-tenente Luiz Azevedo Cadaval, commandante; 1.^a tenente Francisco José Marques da Rocha, capitão-tenente Alexandre Baptista Franco, 2.^a tenente Alberto Carlos da Cunha, 1.^a tenentes Tito Alves de Brito, machinista Marcolino Ferreira da Costa e cirurgião Dr. Flavio de Souza Mendes; 2.^a tenente commissario, Pedro Antonio da Silva; guardas-marinha Aristides Mascarenhas e Godofredo Natividade.

Cruzador «Centauro»—1.^a tenente Lindolfo

Malveira da Motta, commandante; 1º tenente Silvinato de Moura, 2º tenente commissario Francisco Maria Bittencourt, guarda-marinha Carlos Witte.

Torpedeira «Iguatemy»—Capitão-tenente Raymundo F. K. Costa Rubin, commandante; 1º tenente J. Borges Leitão, 2º tenente machinista, T. Silva Chaves.

Cruzador «Trajano»—Capitão de fragata Henrique Pinheiro Guedes, commandante; 1º tenente Henrique Eugenio Sisson, 1º tenente Alipio de Medina Coeli, 2º tenente Alfredo Oscar Short, 2º tenente Ernesto Mafaldo de Oliveira, capitão-tenente pharmaceutico Manoel Jorge da Paixão, 1º tenente-cirurgião Dr. Edmundo de Oliveira, 2º tenente-commissario Arthur Maciel Soares, 1º tenente-machinista João Maria Rodrigues.

Cruzador Almirante Tamandaré—1º tenente-commissario J. Francisco Conceição.

Encouraçado Bahia—Capitão de fragata Gaspar da Silva Rodrigues; capitão-tenente Felipe Fernandes de Castro, 1º tenente Rodolpho Lopes da Cruz, 2º tenente Augusto Schiefler Ties, 1º tenente cirurgião Dr. José C. de Aragão Bulcão, 2º tenente Tranquillino Pedro de

Alcantara, 2º tenente-commissario Salustiano José Alves de Carvalho, 2º tenente-machinista Justiniano Ferreira Piquet, guarda-marinha Arthur Thompson.

Canhoneira Carioca — Capitão-tenente J. Ramos da Fonseca, commandante.

Cruzador Orion — 1º tenente Miguel Antonio Fiuza Junior, commandante; 1º tenente Pedro Max Fernando Frontin, 2º tenente machinista Joaquim Cesario, guarda-marinha Francisco Alves Machado da Silva, guarda-marinha commissario José Alves Portilho Bastos Junior.

Canhoneira Cananéa — Capitão-tenente Emilio Carvalhaes Gomes.

Batalhão Naval — 1ºs tenentes Luiz Pereira Arantes e Alfredo Peixoto; commissario Samuel Soares, 1ºs tenentes Arthur dos Reis Lisboa e Viriato Duarte Hall.

Traripe — Capitão-tenente Philippe Fernandes de Castro.

Escola Naval — 1ºs tenentes Antonio Maximo Gomes Ferraz e Augusto Guedes de Carvalho.

Torpedeira «Marcilio Dias» — 2º tenente Filinto Perry Junior.

Arsenal de Marinha — Contra-almirante,

M. R. Cunha Couto, inspector; capitão de mar e guerra, M. Moura Cirne, vice-inspector; capitão-tenente, Antonio Lins Cavalcante Oliveira; 1.^o tenentes, Aristides Monteiro de Pinho, Carlos Pereira Lima; capitão de fragata, Francisco Carlton; 1.^o tenentes, Antonio Severiano Castilhos e Alberto Fontoura Freire de Andrade Lamego.

Officiaes em diversas commissões—Capitão de mar e guerra, J. Cardoso Pereira de Mello; 1.^os tenentes: Carlos Accioli, Tancredo de Castro Jauffret, M. José Monteiro, Herculanio A. Sampaio; capitão de fragata commissario, Victor Guimarães Velloso; 1.^os tenentes, Guilherme Pereira Nunes e Antão Corrêa da Silva, 2.^o tenente Adolpho Costa da Cunha Lima.

Por falta de tempo não se tomaram todas as assignaturas.

Eu, os meus principaes auxiliares, officiaes de marinha, alguns militares do exercito e civis, nos reuniamos, ora nas casas dos marechaes Floriano Peixoto e José Simião, ora em outros pontos, sendo, porém, o ponto da conspiração a casa do marechal Floriano Peixoto, que, pelo prestigio que gosava no exercito, era por nós considerado chefe do movimento em

terra, se bem que nunca se tivesse decidido a realizal-o, segundo se verá no correr desta narração.

Deliberado a observar a mais escrupulosa fidelidade na exposição dos acontecimentos occorridos antes e durante a revolução, sou forçado a dizer que, sempre que ao marechal Floriano inqueria a respeito dos elementos de que dispunha em terra, contestava-me não os ter sufficientes, e ser preciso (palavras textuaes) abrir brecha na infantaria, sem que, entretanto, para isto empregasse o mais pequeno esforço; ao passo que da parte do marechal José Simião encontrei sempre a maior e a mais energica decisão.

Assim é que em umas das reuniões havidas em casa do marechal Peixoto, na rua de D. Alexandrina, ás 3 horas da tarde de um dia, de que não me recordo, estando presentes aquelle marechal, o marechal José Simião, o vice-almirante Wandenkolk, o tenente coronel Serzedello Corrêa e eu, este marechal propoz resolutamente a seu collega irem com as forças com que contavam para o Realengo, e darem ahi começo ao movimento, fazendo deste ponto base de operações; proposta a que não annuo o mare-

chal Floriano, considerando-a inopportuna e imprudente por falta de elementos.

No entanto ninguém dirá que, contando naquella época a revolução com o batalhão de engenheiros, o 23 de infantaria, o 5º de artilheria, o 2º regimento de artilheria, as duas escolas militares e o 1º regimento de artilheria, que guarnecia a fortaleza de Santa Cruz, além de mais de mil operarios da Estrada de Ferro Central, não fossem esses elementos mais que sufficientes para iniciar-se o movimento revolucionario.

Naquella mesma occasião propuz tambem ao meu camarada, vice-almirante Wandenkolk, irmos para bordo do *Solimões* que era então o unico navio importante em condições de mover-se, e emprehendermos no mar o movimento, certo de que, disse-lhe mais, estava prompto a servir debaixo de suas ordens. O almirante Wandenkolk não acceitou esta minha proposta em virtude, disse elle, de não haver ainda recebido resposta de uma carta que dirigira ao contra-almirante Saldanha da Gama que commandava o corpo de marinheiros nacionaes, e de não haver tambem o guardião Agostinho dado

conta da incumbencia, de que o encarregára, de sondar as guarnições dos navios.

A' vista, pois, da resposta do marechal Peixoto e da do almirante Wandenkolk, comprehendí que tanto este como aquelle entendiam quesò se devia dar principio a revolução quando todas as probabilidades fossem favoraveis.

Neste pé achavam-se as coisas quando, em uma outra reunião, que teve lugar na confeitaria do «Braço de Ouro», a que assistimos eu, o mesmo vice-almirante Wandenkolk, o senador João Pedro Belfort Vieira, tenente-coronel Serzedello Corrêa e outros cujos nomes não me accodem agora á memoria, disse-nos o tenente-coronel Serzedello que acabava de saber por uma distincta senhora, que, por sua vez, ouvira á pessoa bem informada, um delegado de policia, haver ordem para serem presos e victimados eu, o vice-almirante Wandenkolk e elle proprio Serzedello, apenas se desse qualquer movimento hostil ao governo.

Ora, fazendo parte do plano revolucionario uma *grève* na Estrada de Ferro Central, e podendo por circumstancias imprevistas rebentar essa *grève* antes da occasião azada, tomei precauções para occultar-me em logar seguro se por

ventura tal hypothese se realisasse, e, assim, mandei, se não me engano, pelo major Alcides Bruce, pedir ao dr. João Carlos Teixeira Brandão, director do Azylo de Alienados, refugio em sua casa, á praia da Saudade, quando delle tivesse necessidade; havendo escolhido esse logar por me parecer o mais apropriado para qualquer operação, que eu tivesse de proceder no mar.

Dessa grêve estava encarregado, pelo prestigio de que gosava entre os operarios da Capital, o deputado pelo Districto Federal, José Augusto Vinhaes, primeiro-tenente reformado, que, logo após o golpe de estado, occultara-se por ter sido avisado de que contra si havia ordem de prisão na policia; mas com quem eu me communicava por intermedio do Sr. Pedro Liborio de Almeida, da Sra. Izabel Dillon e do Sr. Evaristo Rodrigues da Costa, dono de uma loja de papeis na travessa do Ouvidor, onde ia eu frequentes vezes.

O fim da greve era chamar para ahi a attenção do governo, desviando-a do movimento em terra e no mar, que, simultaneamente, á ella se seguiria.

Os couraçados *Riachuelo* e *Aquidaban*

achavam-se ancorados no fundeadouro de S. Bento com as suas machinas em reparos; mas, tendo o primeiro destes navios ficado em condições de mover-se no dia 7, o tenente Altino, que, como os meus outros auxiliares, tudo pesquisava, neste mesmo dia foi á seu bordo e conseguiu a adhesão de parte da officialidade, e no dia 8, á tarde, com o primeiro tenente Silvado procurou-me para dar-me esta noticia, e assegurar-me que podia eu dispor d'aquelle couraçado.

Facil me seria na noite do dia 8 dar começo á revolução, para a qual tudo, no mar, estava preparado, até mesmo o escalor que devia transportar-me para bordo do *Riachuelo*, si não tivesse de combinar este movimento com o que devia operar-se em terra. Então procurei o marechal José Simião, em sua casa á rua de S. Francisco Xavier, de preferencia ao marechal Floriano Peixoto, por já estar convencido de que elle continuaria até o fim na mesma indecisão, em que sempre o encontrei, esperando *abrir brecha na infantaria*; e tanto assim que, tres dias antes de se effectuar o movimento, repeti-me estas mesmas palavras em frente a loja Costrejean á rua do Ouvidor.

Em casa do marechal José Simião, presentes os deputados Barbosa Lima, Demetrio Ribeiro, Almeida Pernambuco e o major João de Figueiredo Rocha, disse-me aquelle marechal não estarem promptas as forças; mas que sem demora ia tomar todas as providencias de concerto com o marechal Peixoto, que até o momento não se havia ainda pronunciado definitivamente a respeito, e encarregou-se por sua parte o major Figueiredo Rocha de avisar e preparar os alumnos da escola militar.

Nestas disposições nos achavamos quando no dia seguinte, 9, tivemos noticia de ter sido preso o 1º tenente Altino por ordem do quartel-general da armada, e por denuncia do 1º machinista do «Riachuelo» Antonio Ferreira de Carvalho, assim como de estarem nomeados outros officiaes para embarcar nesse navio, entre os quaes o capitão-tenente Polycarpo Cesarrio de Barros, que era contrario ao movimento.

A vista disto julguei quasi perdido todo o trabalho da conspiração, e com certeza esperava que contra mim se expediria ordem de prisão; o que não fizeram, talvez receiosos de agravar a situação já por demais melindrosa; sabendo posteriormente pelo tenente Mattos que o mi-

nistro da marinha cogitara dessa medida sendo d'ella dissuadido pelo contra-almirante Balthazar da Silveira, chefe do estado-maior.

Por cautella, logo que soube dos factos que deixo narrados, occultei-me; passadas porém, vinte quatro horas, sem que eu fosse procurado, apresentei-me entre os meus auxiliares e redobramos de actividade para levar a cabo o patriotico commettimento, resolvidos a todos os sacrificios.

Então não tiveram mais descanso os meus auxiliares, e cada qual, á porfia, se esboçava a fazer proselytos e dispôr convenientementetudo a bordo dos navios, que haviam adherido á revolução, para que ella se realizasse no mais curto praso possivel; e, por minha parte, como chefe, tomava outras providencias tendentes ao mesmo fim.

Assim, no dia 13, por volta das 9 horas da manhã, depois de me haver intendido com o capitão-tenente honorario José Carlos de Carvalho, a quem na vespera mandei chamar pelo capitão-tenente Accioli, fui ter com o visconde de Figueiredo em sua casa á rua da Constituição.

A esse cavalheiro, que me recebeu com toda a gentileza, pedi auxilio pecuniario para

supprir de viveres os navios, e disse-lhe que o capitão-tenente honorario Carlos de Carvalho, poucos minutos antes, me promettera incumbir-se não só de comprar como acondicionar os viveres nos armazens das docas—Pedro II, onde era empregado, e ainda remettel-os para bordo dos mesmos navios.

O Sr. visconde pôz-se á minha disposição para tudo quanto lhe pedi, dizendo-me que eu nada mais tinha a fazer do que autorizar ao Sr. Carvalho a effectuar a compra dos viveres, que julgasse necessarios, e remetter-lhe as respectivas contas.

Posteriormente procurei ainda o Sr. Carvalho nas Docas Pedro II, afim de pedir-lhe uma lancha que podesse transportar em dia, de que seria avisado, para bordo do «Riachuelo» a officialidade e guarnição do «Primeiro de Março», visto não ter eu acceitado o alvitre, lembrado pelos officiaes deste cruzador, de servir-mos do rebocador «Audaz» da marinha nacional, porque, para delle nos apoderarmos, seria preciso dar-lhe assalto, que, com certeza, difficultaria o movimento.

Logo depois de ter a isso se compromettido o Sr. Carvalho fomos, eu e elle, em uma lancha

a vapor observar as posições dos navios ancorados no fundiadoro de S. Bento.

Mais ou menos, por esse tempo, alguns amigos disseram-me que o 2.^o tenente João Francisco dos Reis Junior, official do couraçado «Solimões», desejava ardentemente fallar-me sobre a adhesão deste couraçado, que se achava ancorado junto a Armação para receber munições.

Se bem que este navio fosse o unico em estado de mover-se, e cuja aquisição seria de grande vantagem para a revolução, comtudo, não conhecendo bem esse official, e por ser muito joven, não quiz entender-me directamente com elle; e então encarreguei de fallar-lhe o capitão-tenente Accioli, que dias depois deu-me conta d'essa incumbencia, dizendo-me ter o tenente Reis tomado compromissos tão exagerados, que lhe pareciam imprudentes. Não obstante, insistindo commigo os mesmos amigos para ouvir o referido segundo-tenente, cedi, afinal, ao senador Pedro Belfort Vieira, que foi o ultimo a fallar-me a respeito, e incumbi-o de dizer a esse official que me procurasse no dia 17, e em hora que determinei, nos «Dezoito Bilhares.»

Tendo, porém, ahí encontrado um official que me pareceu suspeito, dei ao tenente Reis para o mesmo dia 17 um *rendez-vous* em minha casa, ao qual pontualmente compareceu. Taes foram as garantias, que elle deu-me da adhesão do couraçado «Solimões» á revolução, que eu não puz duvida em recommendar-lhe que providenciasse no sentido de receber as munições, de que carecia esse navio, e tivesse-o prompto para mover-se no dia seguinte pela manhã, assim como mandasse, o mais cedo possivel, pôr um escaler às minhas ordens na ponte de Nictheroy por haver toda a probabilidade de que nesse dia rebentasse a greve na Estrada de Ferro Central.

Já então achava-se no dique o «Riachuello» por ter batido nas pedras proximas á ilha dos Ratos, quando no dia 16 seguia para o ancoradouro do *Poço*; e eu, dando as instrucções, que deixei expostas, ao tenente Reis, tinha em vista começar o movimento só com o «Solimões» no firme proposito de, caso não se decidisse o Riachuelo pela revolução, inutilisal-o; arrebatando a porta do dique.

Fui, porém, obrigado a abandonar esse meu proposito depois de uma conferencia, que na

noite do mesmo dia 17, em uma das portas da loja de Mme. Cretin, na rua do Ouvidor, tive com os capitães-tenentes Pinto de Sá e Belfort Vieira, conferencia, na qual ficou assentado que se devia esperar pela sahida do «Riachuelo» do dique porque, na opinião delles, era mais que provavel que este navio adherisse espontaneamente ao movimento.

A vista d'isto, e por ter sido avisado de que a *grève* não se realisaria no dia seguinte, 18, mandei previnir ao tenente Reis pelo capitão-tenente Accioli que não tivesse prompto o «Solimões», conforme eu lhe havia recommendado, tendo por sua vez o capitão-tenente Accioli encarregado d'esta incumbencia ao aspirante Carlos Agostinho de Castro.

Informado de que os officiaes do «Riachuelo» haviam adherido ao movimento deliberei o seguinte plano.

Apenas o «Riachuelo» sahisse do dique devia eu embarcar-me á noite no cães da Praia na lancha promettida pelo Sr. Carvalho, e atracal-a ao cães dos Mineiros afim de receber alguns officiaes, que ahi deviam esperar-me; depois prolongar esta lancha com o costado de B. E. do cruzador «Primeiro de Março», no qual es-

tava içado o pavilhão do contra-almirante Marques Guimarães e desde o dia 4 achava-se fundeado no canal entre o Arsenal e a ilha das Cobras com cabos passados para terra de modo a ficar o mais proximo possivel do cões desse estabelecimento, e em posição de defender o portão do mesmo.

Embarcadas na lancha e nos escaleres deste cruzador a sua officialidade e guarnição, tocaríamos á toda força a lancha com essas embarcações a reboque para bordo do «Riachuelo», abordando-o, caso a guarnição deste navio tentasse oppôr-se á nossa entrada.

Tomado o «Riachuelo» devíamos nos unir ao «Solimões», que deveria nessa occasião estar prompto e, logo ao amanhecer do dia seguinte, juntos marchariamos para o «Aquidaban», que, como já disse, desde o começo do trabalho revolucionario estava connosco, afim de mettel-o a pique, caso a gente do governo tivesse conseguido tomal-o, ou trazel-o a reboque até proximo a Armação, ancoradouro escolhido para a reunião dos navios da revolução.

Fundeados ahi os tres couraçados, «Riachuelo», «Aquidaban» e «Solimões», bem como

os demais navios, que adherissem, receberiamos os mantimentos que nos fossem enviados pelo Sr. Carlos de Carvalho, conforme havia eu com elle combinado, e depois trataríamos de destruir as cabeças dos torpedos Whitehead, e os torpedos de lança, que não podessem ser acondicionados a bordo dos couraçados.

Feito isto, e executados os reparos de que careciam as machinas do «Aquidaban», ficaria este guardando o porto do Rio de Janeiro, sabendo os outros barra fôra.

Em frente á barra deixaria o «Solimões» cruzando com o fim de bloquear o porto, e entender-se com o couraçado «Bahia», que se achava para elle em viagem, atacando-o, caso não adherisse esse navio á revolução.

Com os outros navios seguiríamos para a Ilha Grande, d'onde destacaria um delles para Santos, que seria o nosso Iquique, afim de comunicar os acontecimentos ao «Trajano», que alli estava estacionado, e era a favor da revolução, assim como arrecadar todo o dinheiro que existisse na alfandega daquelle porto, a qual, continuando livre a navegação do mesmo, ficaria sendo o nosso thesouro, sendo-nos favoravel o Estado de S. Paulo, como me haviam

garantido os Drs. Ellis e Bernardino de Campos.

Finalmente, tomaríamos os paquetes mercantes que encontrássemos nos portos e no oceano, e delles nos utilisariamos para transportar tropas do Rio Grande do Sul para o porto de Sepetiba, donde marchariam ellas para o Realengo, base de operações escolhida para as forças de terra.

Essas tropas viriam das cohortes dos bravos patriotas militares e civis, que n'aquelle heroico Estado levantaram-se com armas na mão contra o golpe de estado, e deposeram o seu governador, o Dr. Julio de Castilhos, que apoiara aquelle nefando crime de lesa-nação.

São muitos desses bravos, que hoje o marechal Peixoto procura a todo transe, e com perigo para a Republica, esmagar porque elles combatem pela conquista de liberdades e direitos, que lhes foram conculcados por aquelle mesmo criminoso, o Dr. Julio de Castilhos, a quem o mais criminoso ainda, marechal Floriano, repoz no governo do Rio Grande do Sul contra o voto da maioria do povo, com o fim sómente de fazer desaparecer o unico obsta-

culo, que elle receia na realisação de suas tresloucadas e anti-patrioticas ambições.

Emquanto trabalhavamos, eu e meus auxiliares, em preperar os elementos para a revolução, o 1.º tenente reformado Vinhaes, de combinação com outros cidadãos, tomava do lugar, onde se achava occulto, providencias no sentido de realisar a *grève* dos operarios da Estrada de Ferro Central, de que já me tenho occupado.

Por mais de uma vez mandou-me dizer aquelle official que não podia esperar mais, que era preciso aproveitar as boas disposições e, portanto, que ia dar começo a *grève*, ainda mesmo que não estivessem preparadas as forças de mar e terra; recommendando-lhe sempre eu paciencia e constancia para que com a precipitação da *grève* não abortasse o plano revolucionario que havia traçado.

Finalmente, o Sr. Vinhaes não attendeu-me mais e, na manhã de 21 de Novembro, fui avisado de que a *grève* rebentaria na madrugada do dia seguinte; e como estviesse prevenido, conforme já referi, de que, em caso de qualquer movimento hostile ao governo, seriamos presos e victimados, eu o vice-almirante Wandenkolk

e o tenente-coronel Serzedello Correia, resolvi incontinentemente ir á noite para a casa do Dr. Brandão na Praia da Saudade, se bem que estivesse convencido de que o marechal Deodoro, dotado de um coração magnanimo, não mandaria executar a segunda parte d'aquella noticia, conviction essa plenamente confirmada pelo facto posterior de ter sido apenas preso o vicea-lmirante Wandenkolk.

Effectivamente ás 7 1/2 horas da noite de 21 deixei minha casa com destino á Praia da Saudade. Antes, porém, de para lá seguir fui á rua do Ouvidor afim de encontrar-me com o Sr. Manoel Bazilio Cardoso Pires, que ahi ficou de apparecer para dizer-me se a grêve se daria com certeza na madrugada do dia seguinte.

N'aquella rua encontrei em uma das portas da loja de Mme. Crétin os capitães-tenentes Pinco da Sá e Belfort Vieira, com quem começava a conversar, quando chegou-se a mim o dr. Eleuterio Frazão Muniz Varella, garantindo-me que a *grêve* não se effectuaria, como fui informado, na madrugada de 22. Tendo faltado ao *rendez-vous* o referido Cardoso Pires, e á vista do que acabava de saber, retirei-me para minha casa, dizendo áquelles officiaes que, no

câso de dar se o acontecimento previsto, eu estaria em casa do dr. Brandão, e o mesmo communicassem aos demais auxiliares. A's 10 horas veio á minha casa o referido dr. Varella para communicar-me o contrario do que, minutos antes, me havia affirmado, e ás 11 e 1/2 o dr. Lucidio Martins que ratificou a veracidade dessa ultima noticia.

Sendo tarde para ir a Praia da Saudade, resolvi para lá seguir apenas despontasse o dia; o que effectivamente realisei, receioso de que o governo já tivesse mandado alguém ao meu encalço; e, assim chegando, á rua do Cattete, e avistando do lado da Gloria um carro, que vinha seguido por duas ordenanças, conduzindo um cidadão, que presumiser um dos ministros que, naturalmente, ia levar a noticia da *grève* a o Barão de Lucena, occultei-me em uma confeitaria na esquina da rua do Cattete com a de Santo Amaro. Tomei o primeiro bond da Escola Militar que passou logo depois, apeiando-me em frente á rua de D. Polixena, pela qual segui com destino á casa do major Alcides Bruce que ficava na mesma rua.

Chegado á casa deste amigo dei-lhe a noticia da *grève*, e pedi-lhe que me acompanhasse

até a casa do dr. Brandão, cujo caminho não conhecia; ao que com a melhor vontade prestou-se o major Bruce, seguindo commigo por caminhos pouco frequentados.

Em casa do dr. Brandão, onde chegamos as 7 horas da manhã, encontrei ainda deitados este cavalheiro, os deputados Demetrio Ribeiro e Annibal Falcão, e o dr. Manoel Monjardim, os quaes ali estavam occultos. A's 7 1/2 horas entrou meu incansavel e digno auxiliar capitão-tenente Pinto de Sá, que deu-me a noticia de terem sido demittidos dos seus respectivos cargos, na tarde do dia anterior, por assim haverem pedido, o chefe do estado-maior contra-almirante Balthazar, e os commandantes das duas divisões da esquadra, contra-almirante Coelho Netto e Marques Guimarães, e, mais, que havia sido nomeado commandante do «Primeiro de Março» o capitão de fragata Souza Lobo, e, finalmente que o «Riachuelo» devia deixaro di que neste mesmo dia 22, para no immediato sahir barra fóra, levando o pavilhão do contra-almirante Saldanha da Gama, chefe nomeado para uma terceira divisão, que se formára dos melhores navios da esquadra, afim de operar nas costas do Rio Grande do Sul.

As datas dessas demissões, e a da nomeação do almirante Saldanha da Gama, provam evidentemente que não foi o golpe de estado, que, aliás, aquelles generaes tacitamente apoiaram, conservando-se em seus respectivos cargos, que os obrigou a dar aquelle passo, e sim foram a elle levados por se julgarem offendidos, como deixou ver em sua ordem do dia já transcripta o chefe do estado maior, em virtude de haver o ministro da marinha Foster Vidal nomeado o contra-almirante Saldanha da Gama, então o mais moderno dos generaes da Armada, para commandar essa terceira-divisão composta dos melhores navios da esquadra, e destinada a bloqueiar o porto do Rio Grande, onde no dia 9 de Novembro rebentára uma revolução contra o golpe de estado, a qual efficaçmente correu para a victoria da revolução da marinha nacional.

A vista das noticias, que acabava de dar-me o capitão-tenente Pinto de Sá,urgia que o movimento não passasse da noite daquelle mesmo dia, não só porque, com a demissão dos generaes dos seus respectivos cargos, estava a marinha, por assim dizer, acephala, sem direcção, o que era uma circumstancia favoravel, mas

tambem porque a sahida do *Riachuelo* barra fôra, projectada para o dia seguinte, a nomeação do novo commandante para o *1º de Março*, e a *gréve* dos operarios da Estrada de Ferro Central, que, como já disse, rebentára pela madrugada, não permittiam mais adiamentos.

Assim, pois, disse ao capitão-tenente Pinto de Sá que sem tardança seguisse para bordo do seu navio (*1º de Março*), e preparasse tudo para realisarmos o movimento á noite e, de caminho, fosse á casa do capitão tenente Belfort Vieira, á rua do Marquez de Abrantes, afim de avisal-o dessa minha resolução, e a do sr. Carlos de Carvalho, na rua de Itamby, a quem diria de minha parte que mandasse ao escurecer para o caes da Prainha a lancha, que me havia prometido.

Como se vê, não mandei convidar a esse sr. para acompanhar-me, mas tão somente pedir a satisfação da promessa, que me fizera, o que plenamente prova a carta do capitão-tenente Pinto de Sá, escripta em resposta a que nesse sentido lhe dirigi, e que em seguida transcrevo juntamente com aquella.

«Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1892»

«Illustre camarada e amigo»

Para restabelecer a verdade, que se tem procurado deturpar, relativamente ao grande evento de 23 do Novembro do anno passado, peço-vos declareis ao pé desta o que na manhã da vespera d'aquelle memoravel dia, quando, conforme haviamos combinado, fostes ter comigo na casa do director do Hospicio de Alienados na Praia da Saudade, pedi-vos para dizer ao cidadão José Carlos de Carvalho.

«Egualmente peço-vos autorisação para fazer de vossa resposta o uso que me convier.»

«Vossocamarada e amigo obrigado—*Custodio de Mello.*»

«Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1892.»

«Illustre sr. almirante Custodio de Mello.»

«Com bastante satisfação respondo a vossa pergunta relativamente ao que me pedistes para dizer ao cidadão José Carlos de Carvalho, na manhã do dia 22 de Novembro do anno passado na casa do director do Hospicio de Alienados na Praia da Saudade. Conforme haviamos combinado, na manhã desse referido dia, alli fui ter convosco, e nessa occasião não só marquei a noite desse dia para dar principio a campanha contra a dictadura, como tambem me

incumbistes de pedir, em vosso nome, ao cidadão José Carlos de Carvalho, uma lancha a vapor, a qual deveria estar atracada, ás 6 horas da tarde desse dia, nas proximidades do caes da Prainha, a fim de facilitar tão somente o vosso transporte e dos officiaes e praças do cruzador *1º de Março* para bordo do encouraçado *Riachuelo*.

« Como de facto, fui á casa desse cidadão, na rua Itamby, (Botafogo), e transmittindo-lhe o vosso pedido, immediatamente preparou-se e viemos para a cidade.

« Seguimos depois para as docas da companhia da Empresa de Obras Publicas no Brazil e ahi embarcando elle em um escaler procurou uma lancha nas condições precisas, porém não encontrando nenhuma, por ser domingo, e estarem todas com os fogos apagados e sem guarda, regressou, e me disse que cedia a da Companhia, visto ser a unica disponivel nessa occasião.

« Ainda eu observei-lhe que poderia comprometter a Companhia; caso sahissemos mal, ao que respondeu-me : *« Não faz mal, se forem pilhados, eu direi que aluguei a lancha sem saber para que fim. »*

«Aproveito a oportunidade para declarar-vos que somente nessa ocasião soube, pelo proprio sr. Carvalho, estar elle a par do movimento da esquadra, e incumbido de fazer o fornecimento de mantimentos para a mesma durante o movimento, o que causou-me alguma admiração, visto nunca me terdes fallado nesse meu ex-collega.

«Eis a expressão da verdade e podeis fazer desta o uso que quizerdes.

«Vosso admirador e criado obrigado — *Luiz Pinto de Sá.*»

E para que fim poderia eu querer que o sr. Carvalho me acompanhasse? Para dar força moral e prestigio a mim, um almirante encanecido no serviço da patria e com uma fé de officio honrosa, elle um primeiro-tenente, de ha muito reformado, e sem a menor importancia na marinha?

Para dar-me coragem ou dirigir a manobra de atracar a lancha ao cruzador 1º de Março afim de receber a officialidade e guarnição deste cruzador, e leval-a para o *Riachuelo*? A isto não se responde.

Quando no dia 4 de Novembro, em que foi publicado o decreto, dissolvendo o congresso,

fui a bordo do cruzador *Trajano*, resolvido a nesse mesmo dia dar começo ao movimento revolucionario, factode que já me occupei, e quando mais tarde tomei a deliberação de fazel-o somente com o *Solimões*, para o que cheguei a dar as respectivas instrucções ao segundo tenente Reis, mandei eu dizer alguma cousa ao sr. Carvalho?

Se pois, nas occasiões referidas nas quacs com poucos elementos contava, em que a maior somma de probabilidades ficava puramente dependente do acaso, e para suppril-as só tinha eu a justiça da causa, a minha coragem e audacia, não precisei dos servços do sr. Carvalho, é claro, é evidente que, na noite de 22 de Novembro, quando tudo estava preparado e previsto, quando me achava cercado de meus prestimosos, valentes e intrepidos auxiliares, só eu poderia lembrar-me do sr. Carvalho para dar-me a lancha que me havia promettido, e fornecerm-me os mantimentos de cuja compra estava encarregado.

E para responder ao que pela imprensa escreveu este cidadão sobre os acontecimentos de 23 de Novembro, attribuindo a si o exito da

revolução, direi que, além dos serviços acima referidos e por elle prestados, e que reputo importantes, nada mais fez do que por seu bel prazer acompanhar-me e aos meus companheiros até o portaló do *Riachuelo*, donde seguiu incontinente para terra, voltando, quando tudo em paz, para bordo do mesmo navio com salchichas e pão fresco para almoço dos officiaes; não tendo, sequer, cumprido a unica ordem que lhe dei, quando do portaló do *Riachuelo* partia para terra; isto é, de passagem, ir ao *Solimões*, que como já se sabe, estava fundeado proximo a Armação, prevenira sua officialidade de que eu me achava a bordo do *Riachuelo*, e por minha ordem accendessem immediatamente os fogos, sabendo posteriormente ter o sr. Carvalho deixado de cumprir essa incumbencia, por haver encontrado em caminho duas lanchas, que provavelmente eram as em que iam para bordo do *Solimões* o contra-almirante Sal-danha da Gama e o ajudante de ordens do ministro da marinha, 1º tenente Albino da Silva Maia.

Este facto, para cuja veracidade appello para o testemunho de todos os officiaes embarcados então no *Riachuelo*, tornou-se ainda

mais aggravante porque, em vez de vir o sr. Carvalho communicar-m'o, largou-se á toda força para terra sem dizer-me palavra, do que poderia resultar o fracasso do movimento se, como se verá mais adiante, eu não tivesse tido a idéa de, apenas, prompta a machina do *Riachuelo*, ir n'este até o *Solimões*.

Com o que venho de expor não quero dizer que o Sr. Carvalho não tivesse prestado serviços á revolução, e a prova de que não é este meu pensamento, está no aviso que, quando ministro, fiz baixar, agradecendo-lhe a sua coadjuvação.

Este aviso foi publicado na *Gazeta de Noticias* de 17 de Dezembro de 1891, encabeçado por algumas linhas escriptas em estylo chulo, pelo que attribuiram á lavra do Sr. Carvalho.

Estas linhas provocaram um protesto publicado pelos officiaes do cruzador «Primeiro de Março» naquella mesma folha em seu numero de 25 do referido mez e anno.

O supramencionado aviso, e esse protesto vão transcriptos em seguida:

«N. 3956—3ª secção—Rio de Janeiro. Ministerio dos negocios da marinha, em 12 de Dezembro de 1891. Ao Sr. capitão-tenente José

Carlos de Carvalho. Muito concorreu para o bom resultado do movimento realisado a 23 de Novembro ultimo para o restabelecimento da Constituição e do regimen legal a valiosa e patriótica cooperação que prestastes, acompanhando-me e auxiliando-me sempre com toda a lealdade, assim no preparo como na execução do referido movimento. Tenho, pois, a maior satisfação em reconhecer e agradecer-vos esse importante serviço á causa da lei e do direito, e o faço, não somente em nome do governo da Republica e no meu proprio, como em nome da marinha nacional, á qual, comquanto arredado do serviço activo, continuaes ligado pela maior solidariedade e communhão de idéas.—
Custodio José de Mello.

*
* *

A distincta officialidade do cruzador «Primeiro de Março» dirige-nos a seguinte carta:

«Sr. redactor,—Precedendo a publicação do aviso de 14 do corrente, dirigido pelo Sr. ministro da marinha ao Sr. capitão-tenente José Carlos de Carvalho, publicou o vosso conceituado jornal de 17 do mesmo mez algumas

linhas relativamente aos serviços prestados por este official no movimento de 23 ultimo.

«A narração ahí feita é de tal modo inverosímil e é tão notorio na marinha e fóra della o modo por que se realisou o alludido movimento, que julgamos desnecessaria qualquer reclamação, que só agora fazemos por haverem algumas pessoas manifestado estranheza por não termos contestado tal publicação.

O Sr. capitão tenente Carvalho concorreu certamente com muita abnegação para o movimento de 23 do corrente, já fornecendo ao Sr. almirante Mello o rebocador em que o mesmo dirigio-se para o encouraçado «Riachuelo», já acompanhando-o nessa occasião. Dahi, porém, a ter sido S. S. a alma do movimento vai grande distancia, pois ninguem ignora que os officiaes constitucionaes e outras pessoas que tomaram parte no movimento congregaram-se em torno do almirante Mello que foi a alma do movimento.

Quanto a ter sido a guarnição do cruzador «Primeiro de Março» guiada pelo Sr. capitão-tenente Carvalho, o commandante e officiaes do mesmo cruzador que tomaram parte nos acontecimentos da noite de 22 para 23 de

Novembro, protestam contra tal asserção, pois a referida guarnição foi unicamente dirigida pelo seu commandante e officiaes, os quaes só receberam ordens do Sr., almirante Mello.

«Quanto á parte em que dizeis ter sido este illustre almirante apresentado á guarnição do encouraçado «Riachuelo», pelo Sr. capitão-tenente Carvalho, comprehendéis, Sr. redactor, que a rectificação é ainda mais desnecessaria.

Realmente, pretender-se que o Sr. capitão-tenente Carvalho, official honorario, tendo deixado ha muitos annos o serviço e portanto completamente desconhecido das guarnições dos nossos navios; tivesse apresentado ás mesmas o Sr. almirante Custodio José de Mello, official conhecidissimo e cheio de prestigio, excede ás raías da credulidade humana.

«O Sr. capitão-tenente José Carlos de Carvalho é um cavalheiro digno, cujo patriotismo ninguem contesta e que prestou realmente na noite de 22 para 23 de Novembro excellentes serviços á causa da Patria, os quaes já foram devidamente reconhecidos pelo Sr. ministro da marinha no aviso que lhe dirigiu.

«Estamos, portanto, certo de que S. S. não concorreu absolutamente para que lhe fosse atribuido papel diverso d'quelle que representou e que, se S. S., não foi o primeiro a reclamar, foi porque, como nós, julgou também tal reclamação desnecessaria, em vista da notoriedade do facto.»

Continuando a narração dos acontecimentos, chego ao ponto em que, tendo recebido as instruções que lhe dei, o capitão-tenente Pinto de Sá retirou-se, e pouco depois o major Bruce que me havia acompanhado á casa do Dr. Brandão, onde me achava, e a quem encarreguei de avisar ao capitão-tenente Accioli do que pretendia fazer. Algum tempo depois, o mesmo major voltou com aquelle capitão-tenente e o official da mesma patente Belfort Vieira..

A's 11 horas almoçamos, eu, estes dois officiaes, os deputados Demetrio Ribeiro e Anibal Falcão, o Dr. Brandão e os Srs. Monjardim e Vasco de Alencastro Lima, administrador do Azylo, em cuja casa, que ficava ao lado da do director do mesmo estabelecimento, teve logar o almoço.

Conc'uida essa refeição, sahiram o major Bruce e o capitão-tenente Accioli, levando este a incumbencia de avisar ao vice-almirante Wandenkolk da resolução, ém que eu estava, deprehender o movimento na noite d'aquelle dia 22, e sabiram mais o administrador do estabelecimento, o Sr. Vasco, o deputado Annibal Falcão, o Sr. Monjardim e o Dr. Brandão, indo este para a casa contigua á em que nos achavamos, e onde moravam o official de fazenda da armada Raymundo Caetano da Silva, e o cidadão Horacio Coelho, amigos do marechal Deodoro, afim de ahi entretel-os.

Eu, que havia passado a noite sem dormir, fui deitar-me e consegui conciliar o sono; o que fez ao Dr. Demetrio Ribeiro dizer-me que, á vista da minha calma, muito confiava no bom exito do emprehendimento.

Por volta de uma hora da tarde fui despertado pelo meu fallecido irmão Dr. Antonio José de Mello, que se achava hospedado em minha casa, e pelo capitão-tenente Accioli, que regressará para guiar aquelle, a quem encontrara na rua da Passagem sem saber o caminho para a praia das Saudades.

Communicou-me meu irmão que me haviam procurado em casa o 1º tenente Silvado e o Sr. Carlos de Carvalho, declarando aquelle ter revelações importantes a fazer-me; e, como não quizesse elle dizer-lhes onde eu estava, pediu-lhes que voltassem ás 2 horas e 30 minutos da tarde.

Então encarreguei o capitão-tenente Accioli de conferenciar com os dous referidos cidadãos, confiando ao capitão-tenente Belfort Vieira a missão, da qual, havia pouco antes, incumbira aquelle seu collega, que retirou-se junctamente com este official e com meu irmão.

O capitão-tenente Accioli ás 3 horas e 40 minutos encontrou em minha casa o 1º tenente Silvado, com quem sahio, dando então esta noticia de que o «Riachuelo» fora posto fora do dique, e estava com os fogos accesos, assim como que tudo estava preparado para ter logar á noite o movimento, se eu assim entendesse.

Estes dois officiaes entraram na rua Benjamin Constant, onde encontraram o 1º tenente Jauffret, a quem communicaram o que havia, e o plano por mim adoptado.

Chegando á sua casa, o capitão-tenente

Accioli encontrou o aspirante Carlos Agostinho de Castro, a quem encarregou de communicar o que se passava aos tenentes Tasso Fragoso e Serejo a fim de que estes, por sua vez, fossem prevenir da minha resolução aos marechaes Floriano Peixoto e José Simeão, e encarregou mais ao mesmo aspirante de dizer a todos os seus companheiros e camaradas da armada que embarcassem á noite no «Riachuelo», conforme estava combinado.

O marechal Floriano foi prevenido da minha resolução pelo tenente Serejo, que, indo á casa do capitão-tenente Accioli, soube do que occorria pela senhora deste official, o qual me communicou haver aquelle marechal, ao receber a noticia, proferido o seguinte conceito: «o almirante está doudo; não temos elementos em terra».

E' que, naturalmente, nessa occasião, ainda não tinha o marechal Peixoto aberto a tal brecha na infantaria; problema para o qual nunca achou elle solução desde o principio da conspiração até a victoria da legalidade que encontrou-o na manhã do dia 23 em trages menores, com todo descanço, tomando café em sua casa, ao tempo em que pelo general Frota,

então ministro da guerra, era chamado para receber o poder das mãos do marechal Deodoro.

E o vice-almirante Wandenkolk, sendo avisado pelo capitão-tenente Belfort Vieira, mandara-me o seguinte recado, que só me foi dado depois da victoria: «Diga ao Mello que convem esperar até amanhã para saber-se o resultado da incumbencia de que encarreguei o guardião Agostinho.

Pouco depois de haverem sahido da casa do Dr. Brandão, para fazer essas communicações, os capitães-tenentes Accioli e Belfort, entrou o Sr. Vasco Lima que referiu-me ter estado em Itamaraty, onde deixára em conferencia o ministerio, dizendo-se que o seu assumpto era a prisão de alguns militares e civis.

Effectivamente n'aquelle dia foram expedidas ordens de prisão para os seguintes cidadãos: marechal José Simeão, vice-almirante Wandenkolk, contra-almirante Custodio de Mello, tenente-geronel Serzedello Corrêa, major Alcides Bruce, capitães-tenentes Belfort Vieira e Carlos Accioli, 1.º tenente Jauffret, redactor-chefe do «Jornal do Commercio» Dr. Carlos Rodrigues, redactor chefe do «O Paiz»,

senador Quintino Bocayuva e outras pessoas mais.

Da prisão do marechal José Simeão foi encarregado o general de igual patente Miranda Reis, que não a effectuou porque, avisado em tempo, aquelle marechal deixara sua casa; da do vice-almirante Wandenkolk, o marechal Almeida Barreto, que a realizou, encontrando esse almirante ainda dormindo e, finalmente, da minha prisão, o general de divisão Candido José da Costa, que, pacientemente, esperou por mais de vinte horas para cumprir sua *honrosa* incumbencia, só deixando minha casa depois de já me achar em terra, na secretaria da guerra e, portanto, só depois da victoria da legalidade.

E, porque sendo expedida ordem de prisão contra aquelles generaes, officiaes superiores e subalternos, e mesmo vontra civis, não o foi contra o marechal Peixoto, em cuja casa, entretanto, se fizeram as reuniões dos conspiradores e elles constantemente la se achavam?

Esta interrogação saltará naturalmente ao espirito do leitor, já bastante prevenido com o procedimento do marechal Peixoto em toda a

historia do movimento de 23 de Novembro de 1891.

Acabava de fallar com o Sr. Vasco, quando entrou o Sr. Carvalho, dizendo-me já haver sahido do dique o «R'achuelo» assim como haver elle estado no cruzador «Primeiro de Março», cuja officialidade estava dispondo tudo a bordo para que o movimento fosse realizado á noite, e, finalmente, ter vindo na lancha por mim pedida a fim de irmos nella para as Docas P. II.

Tendo o Sr. Vasco pouco antes, como venho de referir, dado-me a noticia de que o ministerio se achava reunido para deliberar sobre a prisão de varias pessoas, entre as quaes estaria eu naturalmente, resolvi deixar o logar onde me achava, para esperar a noite no mar, tendo antes de sahir escripto apressadamente á minha esposa a seguinte carta:

«Querida esposa.

«Resolvi encetar hoje o movimento reaccionario contra o golpe de estado, que aviltou a nossa patria, cuja honra e brio eu, como patriota, que sou, e abnegado, tenho o dever de

reivindicar, sacrificando para isso a vida, se preciso fôr.

« Não tenhas receio de cousa alguma, porque a causa que vou defender é demasiado justa e santa para que Deus não nos proteja no ousado commettimento, que vamss emprehender eu e meus companheiros.

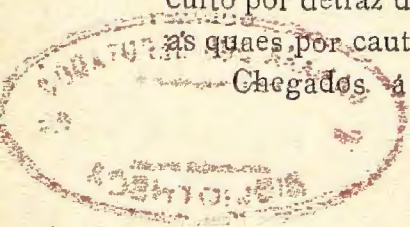
« Manda pelo portador a minha calça, farda e bonet; e logo depois vai com os meninos para a casa do dr. Gabiso. »

22—II—91—Do esposo amigo, *Custodio de Mello.* »

Escripta esta carta, metti-a no bolso, e deixei juntamente com o sr. Carvalho e Vasco a casa deste para tomarmos a lancha, que estava atracada á ponte do Hospicio; mas, para não sermos vistos, o Sr. Vasco conduziu-nos por dentro do estabelecimento, deixando-nos depois de termos embarcado, eu e o Sr. Carvalho.

A'toda força partimos com destino á Saude. Ao passarmos pelo «Primeiro de Março» aquelle cidadão fez signal para bordo, ficando eu occulto por detraz das sanefas do toldo da lancha, as quaes por cautela mandára arriar.

Chegados á uma das pontes das docas,



desembarcamos, mandando logo depois o Sr. Carvalho a lancha tomar agua e carvão, e a uma pessoa de sua confiança levar a minha senhora a carta acima mencionada.

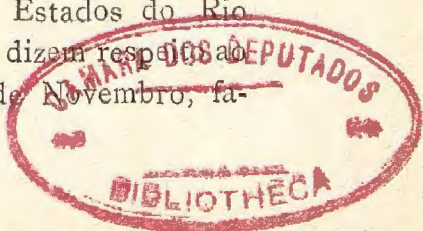
Pouco tempo depois de haver partido esse portador lembrei-me de que podia acontecer que, quando elle chegasse a minha casa, já ella estivesse cercada pela policia e esta tomasse-lhe a carta, obrigando-o a dizer onde eu me achava.

Com essa lembrança fiquei sobresaltado, e, então, em vez de esperarmos em terra, fomos para bordo de um vapor inglez que estava atracado á referida ponte, e onde estivemos até a chegada do portador.

Voltando este com a roupa que eu mandara pedir, voltou-me tambem a calma, e immediatamente embarcamos, eu e o Sr. Carvalho, na mesma lancha, a «Clarita», em que tinhamos vindo, dirigindo-nos para bordo do rebocador «Mairink.»

Interrompo aqui a narração dos factos occorridos no Districto Federal para referir outros que se deram nos Estados do Rio

Grande do Sul e do Pará, e dizem respeito ao mesmo movimento de 23 de Novembro, fa-



zendo preceder esta parte de algumas considerações.

Os que hoje condemnam a revolução de 6 de setembro, apoiaram a reacção contra o golpe de estado de 3 de novembro de 1891, adduzindo como argumentos achilianos, para justificarem essa condenação, a legalidade do governo do marechal Floriano Peixoto, e ter este o apoio de toda nação, aferido pela attitude, contraria á essa revolução, dos governadores dos Estados.

Mas se são esses os motivos porque condemnam a revolução de 6 de setembro, para serem logicos e coherentes, deviam tambem condemnar a reacção contra o golpe de estado de 3 de novembro, porque tão legal é o governo do marechal Floriano Peixoto, como era o do marechal Deodoro, e o golpe de estado teve o apoio de todos os governadores, com a excepção, apenas, do governador do Estado do Pará, e este mesmo forçado pelas circumstancias e de um modo indeciso e dubio, como adiante mostrarei, apesar de ter a seu lado a maioria do Estado, e de ser sustentado por todas as forças de terra e mar alli estacionadas.

Não: a verdade é que condemnam a revolução de 6 de Setembro, como condemnariam a reacção contra o golpe de Estado, se não tivesse triumphado a causa da legalidade.

Então, como hoje, dispostos a cantarem hosanas no dia da victoria, tomaram o arbitrio de collocarem-se á sombra do governo; posição commoda e util, em que tudo tinham a ganhar e nada a perder.

Foi assim que, aos olhos da nação estupefacta, representaram os governadores dos Estados o triste e vergonhoso papel quando, apoiando o governo do marechal Deodoro pelo golpe desferido contra a soberania nacional, ao mesmo tempo felicitavam á mim e ao marechal Floriano por havermos derrubado aquelle governo, por esse mesmo acto que tanto endeosaram.

Observando as coisas por outro prisma, que não o dos interesses sordidos e inconfessaveis, e conhecendo bem o que é a politica em meu paiz, que tudo admite naquelles que nella militam, eu, que, como politico, só tenho um movel, qual o bem da minha patria, pouco me importando com a opinião dos incensadores do poder, reagi contra o acto anti-patriotico.

illegal e despotico do governo do marechal Deodoro, certo de que o povo brasileiro estaria de meu lado e levantar-se-ia commigo indignado para repellir tão grande affronta feita aos brios e à honra da nação.

Assim como a 22 de novembro de 1891, a 5 de setembro de 1893, tinha intima convicção de que o povo repudiava o governo tyrannico e dictatorial do marechal Peixoto, que além de crimes identicos ao do marechal Deodoro, outros havia já commettido, que compromet-tiam seriamente a Republica e infelicitavam a patria, sobresahindo dentre elles a tremenda luta entre irmãos, por elle provocada e sustentada, o que por si só constituia motivo justo para que a nação inteira se erguesse contra tão onimodo governo.

Quanto aos governadores dos Estados e os demais politicos defensores da *legalidade* do marechal Floriano, estes reconheceriam, não ha negal-o, a minha autoridade no mesmo dia do triumpho.

Assim, pois, quando encetei o movimento que reivindicou a honra nacional vilipendiada pelo golpe de estado, contava, alem das sympathias populares, com toda marinha, par.

te do exercito e com o heroico Estado do Rio-Grande do Sul, cujo governador, Dr. Julio de Castilhos, já havia sido deposto e substituido por uma junta governativa, e com o Estado do Pará, cuja repulsa ao golpe de estado era conhecida.

No Rio-Grande do Sul as forças federaes, de que se compunha a sua guarnição, com excepção dos batalhões 13º, 29º e 30º, commandados respectivamente pelos tenentes-coroneis Tompson Flores, Onofre e Arthur Oscar, actualmente os mais decididos deffensores do tyrannete Julio de Castilhos, confraternisadas com o povo, formaram um movimento revolucionario sob o commando do inclyto e denodado general, republicano historico, Joca Tavares, e depuseram o governador do Estado, o mesmo tyrannete que, repostos mais tarde pelas forças federaes sob o mando do general Bernardo Vasques, por ordem do marechal Peixoto, hoje apoiado e sustentado pelo governo federal pretende reduzir o Estado á um montão de ruinas e de sangue.

Contra o acto da reposição a marinha, sempre correcta, protestou, bombardeando a «Marajó», auxiliada pela «Cananéa», a cidade

de Porto Alegre, tendo sido tambem o movimento que depoz o caricato tyrannete, apoiado pela força toda de mar estacionada então no Estado, disposta para esse fim por um official, typo do patriotismo, da bravura e da lealdade, o primeiro-tenente Pio da Silva Torelli, e sob o commando do capitão de fragata Rodrigo José da Rocha que, estando alli de passagem para Montevidéo, onde ia assumir o commando do cruzador «Parnahyba», adherira ao movimento, tornando-se assim o seu chefe no mar.

*
* *

Passo a descrever o que se deu no Estado do Pará.

Logo depois do golpe de estado, o Dr. Lauro Sodré, á vista da exaltação que esse acto produziu no espirito da população paraense, convocou uma reunião dos commandantes dos corpos de linha, e dos navios de guerra estacionados no Estado, afim de tratar-se do assumpto.

Nessa reunião o commandante do 4º batalhão de artilheria, e o 1º tenente da armada Azevedo Alves, autorizado pelos commandantes dos navios, que se achavam no porto, suggeriram o alvitre da resistencia, para a qual

julgou o Dr. Sodré conveniente esperar mais alguns dias.

No dia 6 o tenente Alvaro Graça, commandante do «Aviso Teffé», representando sua pessoa e a do seu collega Cunha Gomes, commandante do navio de igual classe «Juruema», junctamente com o tenente José Joaquim Guimarães, commandante da canhoneira «Manãos,» foi ao palacio do governo, onde encontrou o Dr. Lauro Sodré em companhia de seu secretario, Dr. Horlando de Lima, e communicou-lhe que haviam tido ordem, elle, e o commandante Cunha Gomes, de seguirem para o Amazonas.

O Dr. Lauro Sodré, recebendo esta noticia, disse que *já havia sido nomeado novo governador, o brigadeiro Queiroz, de quem nunca ouvira fallar, e á quem passaria o governo logo que este brigadeiro alli se apresentasse*, e mais que tinha telegraphado aos governadores dos Estados, sem, porém, dizer os termos em que foram os telegrammas concebidos.

Então o tenente Graça, indignado com um tal procedimento, respondera-lhe: os representantes do povo só deixam o poder quando tem contra si a opinião publica, ou pela força. Em

nenhum dos dois casos se achava o Dr. Sodré; porque além de contar com a opinião publica, como já fiz vêr, tinha de seu lado as forças de terra e mar estacionadas no Estado.

A esta lição de civismo e hombridade contentou-se o Dr. Sodré, com declarar ao tenente Graça que lhe mandaria communicar sua resolução no dia seguinte antes das 8 horas da manhã, justamente quando deviam partir para o Amazonas os dous «Avisos» já mencionados.

Não tendo chegado á hora marcada communicação alguma, os commandantes desses «Avisos» adiaram a sahida para meio-dia, quando então suspenderam sem que, porém, o Dr. Sodré tivesse cumprido sua promessa.

Depois de uma hora de navegação regressaram elles, pretextando avarias nas machinas de um dos «Avisos», afim de saberem o que era feito do governador: se ainda se conservava no poder, ou se já o havia abandonado.

Mas, não podendo obter noticia alguma a respeito, os dois commandantes resolveram seguir viagem, levando o proposito de depor o governador do Amazonas, por quanto, em conversa, o Dr. Lauro Sodré affirmara ser prejudi-

cial á resistencia que tivesse de fazer o Pará, a continuação d'aquelle governador no poder.

Seguiram-se depois reuniões de officiaes de terra e do mar, do serviço activo e reformados, na ultima das quaes ficou definitivamente assentada a resistencia, tendo-se para isso congregado os partidos políticos que, unidos, resolveram desaggravar a honra nacional tão brutalmente ultrajada.

Foi então que o Dr. Sodré, na alternativa de ser deposto pela força, ou passar o poder ao *brigadeiro nomeado pelo governo federal para substituil-o*, decidio-se a resistir; não tendo, porém, até o dia da victoria tomado uma só providencia nesse sentido.

*
* *

De bordo do «Mayrink» vi seguir o «Riachuelo» a reboque do «Audaz» para o ancoradouro do poço, observando que sahia fumaça da chaminé do couraçado, donde conclui que funcionava a caldeira suplementar, provavelmente para o trabalho do servomotor.

Depois d'elle fundeado, pedi ao Sr. Carvalho que fosse a bordo sob pretexto de despedir-se do irmão, o 2.^o tenente Luiz Carlos, pois, se

gundo já disse, esse navio devia partir no dia seguinte barra fora, e dissesse aos officiaes onde eu me achava, e a minha resolução de encetar o movimento á noite, e que, portanto, logo ao escurecer, mandassem accender os fogos, deixando prompta a caldeira supplementar, se ella estivesse funcionando, como eu suppunha. Essa incumbencia desempenhou o Sr. Carvalho, trazendo-me a resposta de que seriam tomadas todas as providencias.

Apenas escureceu, vesti a roupa militar e mettemo-nos, eu e aquelle cidadão, na lancha «Clarita», dirigindo-a para o «1.º de Março» o qual, como já tive vez de dizer, estava fundeado no canal, entre o arsenal e a ilha das Cobras, e aproado para o NE, mais ou menos.

Antes de atracarmos á elle, fingimos que iam encostar ao cães dos Mineiros com o fim de burlar a vigilancia da gente d'aquelle estabelecimento; não tendo effectivamente atracado, como aliás deviamos, á este cães para receber alguns officiaes que, conforme se havia combinado, alli esperavão-me, em consequencia de estar a secretaria da marinha completamente illuminada, e haver gente nas janellas que dão para o mar. Depois de chegarmos á altura

do cães do Arsenal, denominado dos commandantes, fiz voltar a lancha, e dirigindo a manobra, como se quizesse mos ir para o ancoradouro de S. Bento, atracamos do lado de B. E do «Primeiro de Março», ficando a lancha entre o navio e dous escalères, que estavam amarrados a uma espia que os aguentava da popa.

Immediatamente saltaram as praças e officiaes, primeiro para a lancha, e, depois de estar esta cheia, para os dous escalares, tendo-se, antes do embarque, tirado os blocos das culatras dos canhões do navio.

As praças eram em numero de 151, e os officiaes os seguintes:

Capitão-tenente Luiz Pinto de Sá, 1.^o tenentes Americo Brazilio Silvado, Alvaro Rosauro de Almeida, Arnaldo Sampaio, Eugenio de Andrade Camara, guardas-marinhas, João Facundo Lins, Emilio Julio Hess, commissario de 3.^a classe, Carlos Eugenio Teixeira, machinista de 2.^a classe Manoel Ernestino da Costa Moura.

Concluida a operação de embarque, largou a toda a força a lancha para bordo do «Riachuelo», levando a reboque os dois escaleres acima mencionados, tendo ficado a bordo

do «1.º de Março», tal foi a precipitação com que partimos, os officiaes Rosauro e Sampaio, os quaes arriaram um pequeno escaler do navio e nelle foram remando para bordo d'aquelle couraçado.

Ao atracar a este a lancha, fomos recebidos com vivas levantados a mim pelos officiaes, sendo elles repetidos pela guarnição do navio.

Nessa occasião ouvi gritar do mesmo para uma lancha que se approximava—«ó da lancha»—e desta responder—«commandante,»—ao que de bordo contestaram—«não póde atracar».

Era o commandante do «Riachuelo», capitão de mar e guerra Gonçalves Duarte, que havia ido receber ordens do Ministro da Marinha e regressava para bordo.

Entre a ida do Sr. Carlos de Carvalho e a nossa chegada a bordo desse couraçado, «Riachuelo,» passou-se o seguinte:

Logo depois de sahir o commandante, o 1.º tenente Francisco de Mattos juntamente com o 1.º tenente Luiz Carlos de Carvalho, aos quaes principalmente se deve a adhesão do «Riachuelo», começaram a tomar todas as providencias não só sobre o pessoal, como sobre o

material bellico, mandando por fim içar todos os escaleres.

Terminados, todos os preparativos o tenente Mattos, que era o commandante da divisão de officiaes que estavam de serviço naquella dia, chamou á seu camarote o 2.º machinista José da Silva Gomes, o qual referiu o que ia ter lugar, e perguntou-lhe se podia contar com elle. No primeiro momento o machinista ficou perplexo, porém depois declarou resolutamente que adheria; á vista do que, o tenente Mattos mandou que elle providenciasse sem perda de tempo para serem accesos os fogos, trabalho que foi executado com maxima rapidez; devido isto tambem aos esforços do machinista Moura do «I.º de Março».

Apenas saltei a bordo, tomei o commando do navio e encarreguei o Sr. Carlos de Carvalho de dizer ao «Solimões» que eu já me achava a bordo do «Riachuelo» e accendessem immediatamente os fogos; incumbencia que, como já disse, não executou, indo para terra sem communicar-me cousa alguma, o que me poz em sobresalto por suppor ter sido elle preso.

Dada essa providencia, encarreguei o capitão-tenente Pinto de Sá de, juntamente com

os demais officiaes, dividir e armar a gente; mandei passar cabo na boia, encher os tanques das machinas hydraulicas da artilharia e carregal-a com metralha, logo que houvesse agua comprimida.

Os officiaes foram distribuidos do seguinte modo: 1.^o tenentes Silvado e Rosauero nas duas torres, 1.^o tenente Mattos nas metralhadoras, Andrade Camara e Arnaldo Sampaio nas do passadiço, 2.^o tenentes Luiz Carlos de Carvalho, Camisão e Moura Rangel no commando da divisão de abordagem.

Algum tempo depois de estarmos a bordo disseram-me que da fortaleza de Willegaignon haviam partido rebocadores em direcção ao navio, pelo que mandei fazer toque de abordagem, se bem que considerasse esse ataque uma temeridade da parte do inimigo. Felizmente, as embarcações avistadas tomaram outro rumo, presumindo serem ellas as duas que atracaram ao «Solimões», levando, uma o contra-almirante Saldanha da Gama, e a outra o 1.^o tenente Albino Gonçalves Maia, ajudante de ordens do ministro da marinha, e que fizeram o Sr. Carvalho não executar a incumbencia, de que acima fallei.

Emquanto no «Riachuelo» occurriam os factos que venho de referir, de bordo do «Aquidaban» que, conforme já disse, desde o começo declarara-se pela revolução, o commandante desse navio, capitão de mar e guerra Elieser Tavares, era obrigado pelos officiaes a retirar-se por não ter querido adherir ao movimento, tomando o commando do navio o 1.º tenente Virrissimo de Mattos.

A's 4 horas da manhã, estando prompta a machina do «Riachuelo», mandei largar o cabo da boia, e seguimos á vante em direcção á Armção, onde achava-se o «Solimões».

Chegado á fala este navio, perguntei se estava a machina prompta e, tendo-se-me respondido que não tinham recebido ordem para accenderem os fogos, ordenei immediatamente que o fizessem; concluindo afinal que o Sr. Carvalho não havia executado a minha incumbencia pelas razões já referidas, as quaes só me foram dadas pelo proprio Sr. Carvalho, alcançada a victoria.

Ao approximar-se do «Solimões» o «Riachuelo», avistei atracadas áquelle duas lanchas que logo depois atastaram-se do seu costado; em virtude do que dirigi este navio a passar a

uns cinco metros do outro e pelo lado de B E; mas quando a proa daquelle estava na altura da popa deste, as duas referidas lanchas que se achavam deste lado, escaparam-se por B B, passando pela proa do «Solimões» que estava aproado para terra.

Pouco depois desse episodio, vieram a bordo do «Riachuelo» o 2.º tenente Reis e o Dr. Avila Cavalcanti que falleceu no naufragio do «Solimões»; aquelle para referir-me o que se passava a bordo de seu navio, e este para ver, a chamado anteriormente feito, um marinheiro do «Riachuelo», que se ferira levemente com a propria arma, (fuzil.)

Prestando justa homenagem á memoria do Dr. Cavalcanti, devo dizer que era um grande patriota e um republicano convicto: cheio de esperanças pela consolidação da republica em nosso paiz, tendo fallecido victima de sua dedicação á essa causa que defendia com ardor e enthusiasmo.

O tenente Reis narrou-me o seguinte: duas lanchas atracaram ao «Solimões» levando, uma o contra-almirante Saldanha da Gama, alguns foguistas e um destacamento de marinheiros nacionaes, e a outra o 1.º tenente Al-

bino, Gonçalves Maia, por quem, depois de atracadas as lanchas, mandou aquelle general communicar ao ministro da marinha que elle achava-se a bordo do «Solimões»; ao saltar a bordo, o contra-almirante Saldanha perguntára se não tinham recebido ordem para accenderem os fogos ás 2 horas da tarde, ao que responderam não ter chegado a bordo semelhante ordem; mandando então o mesmo contra-almirante que os foguistas decessem para dar começo á execução daquelle trabalho; e, finalmente, ao approximar-se o «Riachuelo», o almirante embarcou na lancha com os marinheiros, que havia levado, e nella se escapára, dizendo aos foguistas, que trouxera e não quizeram voltar podem, ser presos, eu é que não.

Nomeei o capitão-tenente Pinto de Sá para commandar o «Solimões», e mandei passar deste para o «Riachuelo» o official da mesma patente Francisco Manoel Ribeiro, por ser mais antigo que aquelle.

Para proteger o «Solimões», emquanto se apromptava a sua machina, conservei o «Riachuelo» o mais proximo possivel d'elle e, não tendo prestado attenção a que naquella hora a maré vasava, resultou dahi assentar esse na-

vio no fundo, vindo a fluctuar ás 10 horas da manhã do dia seguinte.

Para isto empreguei primeiro o «Solimões», cuja machina só ás 4 horas da manhã ficou prompta e, depois, os rebocadores «Emperor e Gloria».

Aquelle rebocava um navio de vela para fóra da barra, quando mandei intimal-o a vir desencalhar o «Riachuelo», e este sahia da Armção, rebocando um batelão carregado de pedras, sobre o qual, por nos parecerem estas pedras cofres de polvora, fizeram-se descargas de metralhadora, as quaes cessaram depois de reconhecer-se o engano, dando-se então ordem ao rebocador para que fundeasse o batelão e viesse ajudar o «Emperor» no trabalho de desencalhar o «Riachuelo», que por si mesmo teria fluctuado na beira-mar, se não tivéssemos pressa em pol-o em movimento para trazer a reboque o «Aquidaban».

Logo ao amanhecer começaram a atracar botes com officiaes de mar e terra, aspirantes e civis.

Os primeiros foram os capitães-tenetes Manoel Belfort Vieira e Carlos Accioli e o 1.º tenente Tancredo Jauffret, os quaes, junctament^e

com o major Alcides Bruce, eu devia ter tomado no cães dos Mineiros antes de ir para o «Riachuelo», o que não fiz pelo motivo já exposto.

Referio-me o capitão-tenente Accioli que, quando a lancha com os escaleres a reboque partiram do «1.^o de Março», elles estavam no supramencionado caes, e, como ella não tivesse atracado a este cães, dirigiram-se para o do Pharoux, suppondo que eu ahi os fosse tomar, mas que, não vendo mais a lancha, metteram se em um bote e foram para o «Riachuelo», ao qual não puderam atracar por serem intimados de bordo a fazerem-se ao largo, e á vista disto regressaram para terra, desembarcando no mesmo cães Pharoux ás 9 horas e 30 minutos; o depois de uma ligeira refeição no café da Cascata, tomaram, menos o major Bruce, que foi para a sua casa, a barca de Nictheroy das 11 horas, onde pernhoitaram.

Referiu-me mais que o movimento nessa cidade era enorme: carros conduzindo auctori-dades iam e vinham do palacio do governador; officiaes e praças de policia a cavallo cruzavam-se em todas as direcções.

Tendo-se-me communicado que uma força de policia de Nictheroy guardava o deposito

de munições bellicas da Armação, fiz intimar ao commandante desta força a retirar-se dentro de meia hora, sob pena de mandar atirar sobre ella, certo de que com o fogo da artilheria grossa do «Riachuelo» alli não se manteria nem dez minutos. Essa intimação foi logo obedecida, porque de bordo não mais se lorigou tal força.

» Por uma lancha da repartição d'artilheria, que veio a bordo, mandou-se para o hospital a praça ferida, da qual já occupei-me.

Por volta das 9 horas da manhã veio tambem a bordo do «Riachuelo» um escaler do «Aquidaban» com o 2.º tenente Mario Ribeiro da Silva, que assegurou-me continuar este contrachado disposto a acompanhar o movimento, mas que receiava-se a bordo qualquer tentativa por parte da gente do governo para tomal-o de abordagem, o que muito contrariou-me por não poder eu ir em auxilio desse navio, embora soubesse que muito difficil seria tomal-o por esse meio, principalmente de dia, preparado como elle se achava.

Estavamos na faina de desencalhar o «Riachuelo» quando deram-me parte de que o

«Aquidaban» movia-se rebocado por um rebocador em direcção á ilha das Enxadas.

Supposemos que a gente do governo se tivesse apossado desse navio, e levava-o para encalhar na ilha do Bom Jesus, afim de que delle não nos utilisassemos e, depois de deixarmos o porto, delle se servisse contra nós, reparadas as suas machinas.

Vinha o «Aquidaban» na altura da ponta N. da ilha das Enxadas, quando conseguiu-se desencalhar o «Riachuelo».

O que então passou-se a bordo deste navio é impossivel descrever: a alegria tocou ao delirio; uhrras partiram de todos os labios, e officiaes do exercito e da armada, aspirantes, civis e marinheiros, todos, á porfia, procuravam recolher o virador de arame, que servira para desencalhar o navio. E' que elles viam no «Riachuelo» a salvação da republica, a desafronta do brio e da honra nacional.

Concluida essa faina, mandei andar á toda força a machina desse navio e tocar a postos, dirigindo-o para o «Aquidaban» com o proposito de mettel-o a pique, caso se verificasse a nossa suspeita.

la o «Riachuelo» á toda força, quando no meio do tracto encontramos o «Centauro», commandado pelo 1.º tenente Lindolpho Malvino da Motta, que vinha dando vivas, entregar-se á minha disposição, ao qual dei ordem para fundear pela pôpa do «Solimões», que ficára guardando o deposito de artigos bellicos da Armação.

Logo depois desse encontro, o «Aquidaban», que tinha montado já a ponta da ilha das Enxadas, começou a guinar para o lado da barra, e foi então que lobrigamos no laes de B B da verga do traquete a bandeira branca, que tinhamos adoptado como distinctivo dos que combatiam pela legalidade e, portanto, pela republica. Este mesmo distinctivo usamos na revolução de 6 de Setembro, por serem identicos os intuitos que a determinaram.

A' vista disto, voltou o «Riachuelo» para a Armação e fundeou pela proa do «Solimões», mandando eu, logo depois dessa manobra, chamar á falla o «Centauro», ao qual ordenei que fosse reconhecer uma torpedeira, que sahira de Moncanguê e cruzava a bahia.

Reconhecendo ser essa torpedeira em favor da revolução, o «Centauro» regressou,

dando-lhe ordem para ir ver as outras, que se achavam naquella ilha, e cuja officialidade manifestara-se contra o golpe de estado.

Ao approximar-se do «Riachuelo» o «Aquidaban», sua guarnição subio ás enxarcias e prorompeu em entusiasticos vivas, fundeando elle, por ordem minha pela proa daquelle.

Eis o que se passou a bordo do «Aquidaban».

Percebendo, logo pela manhã, os officiaes desse couraçado, o qual estava sob o commando do 1.º tenente Virissimo de Mattos, que o «Riachuelo» achava-se encalhado, chamaram um rebocador, que passava, e intimaram-n'o a rebocar o navio. Começava aquelle a tomar os cabos de reboque quando tres lanchas do Arsenal de Marinha carregadas de gente dirigiram-se para o «Aquidaban» com o fim, sem duvida, de abordal-o; intento que foi frustrado por terem de bordo deste couraçado dado algumas descargas de metralhadora.

Foi por essa occasião que uma das balás dessas descargas chocou a cupula da igreja da Candelaria, produzindo um panico horroroso na população da cidade.

Fundeado o «Riachuelo», approximou-se

delle a canhoneira «Carioca», sob o commando do capitão-tenente Ramos da Fonseca, a qual poz-se á minha disposição, dando-lhe eu ordem de ir buscar as torpedeiras de alto mar, «Marcilio Dias», «Araguary» e «Iguatemy», á força, se fosse preciso; da qual, felizmente, não se lançou mão porque ellas já estavam ressolvidas a adherir.

Ficou, pois, a esquadra sob as minhas ordens, composta dos seguintes navios: «Riachuelo», «Aquidaban», «Solimões», «Carioca», «Centauro», as tres torpedeiras do oceano e as outras menores, e ainda da «Cananéa» e «Liberdade» que tambem adheriram, e eram commandadas, a primeira pelo capitão-tenente José Carvalho Gomes e a outra pelo official da mesma patente, Pereira da Souza, e, finalmente, do cruzador «Trajano» sob o commando do capitão de fragata Henrique Pinheiro Guedes que então estava estacionado em Santos.

La dar providencias para pôr em execução meu plano de campanha, quando apresentou-se a bordo do «Riachuelo», vindo de terra, o capitão-tenente Correia da Camara, que deu-nos a grata noticia de haver o marechal Deodoro

renunciado o poder, e chamado seu substituto, o marechal Peixoto.

Reconhecendo o marechal Deodoro o seu erro, preferio essa patriótica e humanitaria resolução á resistencia, embora tivesse para ella mais que sufficientes elementos.

E' esse um facto que muito honra a sua memoria e o absolve dos erros que commetteu, quando governo.

Em seguida ao capitão-tenente Camara, chegaram a bordo o tenente-coronel Fonseca e Silva e o cidadão Arthur Peixoto, os quaes me convidaram por parte do marechal Floriano a ir ao palacio de Itamaraty.

Deixei o navio capitanea, ficando no commando da esquadra o vice-almirante Wandenkolk; a quem o marechal Deodoro mandára por em liberdade no acto de renunciar o poder, e que viera offerecer-se-me para aquella commissão.

Disse-lhe então que mandasse os navios embandeirar em arco e o «Aquidaban» dar uma salva de vinte um tiros, ordem que foi executada, tomando parte a fortaleza de Santa Cruz, que era em favor da revolução, e içara a bandeira branca.

Era o annuncio de ter sido desafrontada a honra nacional e de ter sido tambem restabelecido no paiz o imperio da lei.

Mal então sabiamos que esta salva era, ao contrario, o prenuncio de uma epocha de luto e de dor, creada por aquelle que perfida e traiçoeiramente fingio-se defensor da constituição para mais tarde calcal-a aos pés.

Esse réo de lesa-nação, todos o conhecem, chama-se Floriano Peixoto, o verdugo e algoz da patria brasileira, o fratricida que extasia-se com o sangue de seus irmãos, como Senna-querib orgulhava-se de ver as rodas do carro que conduzia enterrarem se nos charcos de sangue e carne das suas victimas; o reprobado, enfim, sobre cuja lapide sepulchral a historia um dia gravará essa inscripção, parodiando a de Assur-Natsirpal:—Fui alma que não perduou: assassinei nobres irmãos revolucionarios e com os seus cadaveres enchi abysmos e junquei o solo da patria.

Buenos-Ayres, 1 de Julho de 1894.

CUSTODIO JOSE' DE MELLO.







